

DICAS E AUXÍLIO DE 73 ESCRITORES PARA JOVENS ESCRITORES POR ADEMIR PASCALE

Em 2004 iniciei uma bateria de entrevistas e até o ano de 2011, já tinha entrevistado mais de 180 pessoas. A maioria são escritores e roteiristas, além de capistas e outros profissionais da área. Selecionei 73 escritores que entrevistei e destaquei neste arquivo uma resposta de cada um e cada uma delas serve como dica e auxílio aos escritores em início de carreira, ou para aqueles que ainda nem iniciaram no meio literário. Este é um importante arquivo que deve ser analisado e lido com calma. Então deixo uma dica: imprima e leia num momento tranquilo do seu dia. Qualquer dúvida ou opinião, por favor, entre em contato: ademir@cranik.com ou amigosdocranik@ig.com.br – Ademir Pascale

Meu blog pessoal: <http://www.odesejodelilith.blogspot.com>

Twitter: <http://www.twitter.com/ademirpascale>

Entrevistados: Moacyr Scliar, André Vianco, Fernando Bonassi, Helena Gomes, Cesar Souza, Flávia Muniz, Abel Reginatto, Rodrigo Capella, Martha Argel, Octavio Cariello, Kizzy Ysatis, Raphael Draccon, Nazarethe Fonseca, Saulo Sisnando, Marcelo Hipólito, Reinaldo Polito, Daniel Frazão, Cláudio Villa, Simone Marques, Giulia Moon, Richard Diegues, Nelson Magrini, Adriano Siqueira, Waldick Garrett, Roberto Causo, Rober A. Pinheiro, Tibor Moricz, André Carneiro, Leonardo Brum, Edson Rossatto, Juliano Sasseron, Antônio Carlos Secchin, Rosana Rios, Victor Maduro, Márson Alquati, Leandro Reis, M. D. Amado, Felipe Colbert, Danny Marks, Miguel Carqueija, Christian David, Jorge Luiz Calife, Sérgio Pereira Couto, Regina Drummond, James McSill, Daniel Pedrosa, Jorge Ribeiro, Jocir Prandi, Gerson Lodi-Ribeiro, Tatiana Ades, Dione Mara Souto da Rosa, Tim Marvim, Carlos Orsi, Rafael de Agostini, Allan Pitz, Laura Elias, André Bozzetto Junior, Bruno Resende, Leonel Caldela, Alfer Medeiros, Eduardo Spohr, Álvaro Domingues, Anderson Almeida, Estevan Lutz, Marina Avila, Duda Falcão, Luiza Salazar, Thalita Rebouças, Edith Chacon, Rochett Tavares, Bento de Luca, Kathia Brienza e Daniel Borba.

TODAS AS ENTREVISTAS QUE FIZ DESDE 2004 VOCÊ PODERÁ LER NA ÍNTEGRA, ACESSANDO A PÁGINA: www.cranik.com/entrevistas.html

Ademir Pascale: O que você diz sobre o tratamento da maioria das editoras brasileiras com as obras que recebem dos jovens autores que procuram um lugar no mercado literário?

Moacyr Scliar: Estreantes tem uma tarefa dura pela frente. Editoras são empresas e como empresas levam inevitavelmente em consideração o mercado, onde as chances de um escritor desconhecido são pequenas. Meu conselho aos que estão começando é que tratem de publicar por todos os meios a seu alcance (jornais, antologias, Internet) e que concorram a todos os prêmios possíveis. Isto pode aumentar o interesse das editoras.

Ademir Pascale: É verdade que você passou por dificuldades para conseguir a publicação da obra "Os Sete"? Você encontrou obstáculos no início da sua carreira?

André Vianco: Claro que encontrei dificuldades. Acho que todo mundo que está começando sempre tromba com uma pedra aqui e ali. Nenhuma editora queria meus trabalhos na época. Meu livro só saiu da gaveta porque estava decidido a publicá-lo e terminei pagando uma gráfica para ter esse desejo concretizado. Daí passei um ano distribuindo por conta até que a primeira editora topou tocar o projeto adiante. O negócio é não desistir nunca. Se você acredita no seu talento, no seu projeto, siga em frente. Os dias nublados ficarão para trás.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista, o que é ser um bom roteirista?

Fernando Bonassi: Aquele que tem fértil imaginação visual e boa capacidade de descrevê-la em palavras.

Ademir Pascale: Muitos escritores acabam desistindo de publicarem suas obras, pois sofrem com o processo tortuoso da espera e da forma de avaliação da maioria das editoras. No seu ponto de vista, o que poderia ser melhorado para que as editoras avaliassem de uma forma mais rápida, eficaz e adequada as obras dos "jovens" autores?

Helena Gomes: Acreditar mais no potencial dos autores ainda desconhecidos. Sabe, não apostar todas as fichas numa obra estrangeira só porque ela vendeu bem lá fora. Veja a Rocco, por exemplo. Lança livros estrangeiros de sucesso, como o Harry Potter, mas faz um trabalho muito legal para divulgar os autores nacionais. Lobo Alpha, que saiu pela Rocco, recebeu um tratamento especial por parte da editora na preparação do material, no design super caprichado, na divulgação e na distribuição.

Ademir Pascale: Apesar de ser um dos 10 palestrantes mais requisitados do Brasil (Apontado pela Revista Exame), ainda sobra tempo para escrever livros e artigos para a Revista Exame e Gazeta Mercantil? Qual é a principal estratégia adotada para administrar o seu dia-a-dia?

César Souza: Acordo todos os dias às 5 da matina. Escrevo entre 5 e 8 da manhã. No horário normal dedico-me a palestras, consultorias, atendo meus clientes e viajo muito. Mas de forma sagrada, escrevo todos os dias de 5 as 8 da manhã. Esse é o melhor horário para produzir.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os jovens escritores que desejam ingressar no mercado literário?

Flávia Muniz: Estudem. Leiam. Tomem banho de livraria, de biblioteca, nos sebos. Estejam presentes nos eventos literários, nas feiras internacionais de livros, nos lançamentos, nos cursos, nas palestras das casas culturais espalhadas por aí. Troquem ideias. Conheçam os clássicos. Aprendam com quem já fez muito antes!! Há um universo para rastrear. Tudo já foi escrito, de algum modo. Não fiquem satisfeitos com o texto que produzirem logo de cara. Sejam exigentes. O trabalho de escrita e reescrita é como a extração numa mina em busca de ouro, geralmente precisa ser minucioso e lento para ter bom resultado. E o tempo de construção do texto nem sempre condiz com o tempo cronológico. Esse, é um tempo mais cerebral, emocional. É como usar um GPS na própria alma e isso não se faz numa sentada, de modo displicente, assim como não se conhece um ser humano sem a devida convivência. Estou cada dia mais convencida de que não se produz qualidade na pressa da vida louca.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista, por que você acha que o nosso autor mais conhecido "[Paulo Coelho](#)", ultimamente não aparece mais no Brasil? Será que o mercado internacional é mais lucrativo, ou ele é mais valorizado em outros países?

Abel Reginatto: Paulo Coelho, li todos seus livros - exceto o último. Dizem que não há regra sem exceção e é verdade: eis aí um caso. Por quê? Porque ele não acreditava nas editoras nacionais. Nos leitores brasileiros, como qualquer um de nós, ele acredita. O problema é que ele teria que passar pelo crivo das editoras. Então, astutamente e com condições financeiras, buscou colocar seu trabalho no exterior, onde obteve êxito no mundo todo. Parece que apenas da Dinamarca ou na Noruega não recebeu a reciprocidade merecida. Qual o principal motivo? Simples, Paulo Coelho, que já havia se projetado na música com Raul Seixas, é um escritor que não se preocupa com soberba e escreve de uma forma singela e popular. Isso é altamente negativo para os "doutores das letras". Chorei de rir quando presenciei esses "inteligentes" tendo que abrir as portas do mercado

brasileiro para um escritor nativo que conquistou o mundo. Entretanto, assim que tiveram oportunidade, os homens da mídia retiraram seu espaço de forma ardilosa e vil.

Ademir Pascale: Você acha que as editoras brasileiras dão mais valor para o lançamento de obras de autores estrangeiros ou isso é coisa do passado? Como está o mercado editorial brasileiro?

Rodrigo Capella: Sim, as editoras brasileiras literalmente pagam pau para os escritores estrangeiros. O cara pode escrever qualquer bosta que elas publicam. É incrível. Agora, um escritor brasileiro bom, sofre pra caramba, tem que percorrer um caminho, muitas vezes, desumano para publicar um livro. É melhor você ser paraguaio do que ser brasileiro. Se eu nascesse no Paraguai, eu serei mais reconhecido. Essa continua sendo a atual realidade do mercado editorial brasileiro. Mas, as coisas precisam mudar. E muita gente tem se empenhado. Eu, por exemplo, venho participando de vários eventos literários e de arte, tais como o Art Night São Paulo, do qual eu sou o Coordenador Literário.

Ademir Pascale: Poderia dar algumas dicas para os jovens que desejam ingressar para o meio literário?

Martha Argel: Muita leitura e persistência. Cuidado para não se entusiasmar demais com sua própria capacidade: não é só porque você acha genial sua idéia, que os outros (em especial editoras) vão concordar com você. Seja crítico consigo mesmo, e revise seus textos à exaustão antes de pedir para alguém ler (tropeços como “ancioso”, “concerteza”, “naum” não fazem bem a nenhum autor, e podem ser evitados com um simples corretor de texto). Escreva baseado em suas próprias idéias e experiências, viva a vida e use-a como fonte de inspiração, em vez de copiar e reescrever pela enésima vez os filmes e livros que todo mundo também está “reciclando”. Por último, escreva porque lhe dá prazer, e não porque quer se tornar famoso ou rico!

Ademir Pascale: Você já trabalhou em editoras americanas, como: Malibu, Innovation, Caliber, Marvel e DC. Minha pergunta é: Quais as diferenças entre trabalhar para uma editora americana e brasileira?

Octavio Cariello: Aqui, recebe-se em reais, lá, em dólares; aqui, tudo se negocia em português, lá, em inglês. Fora isso, diferenças, existem poucas; aqui, como lá, há pessoas boas, grandes profissionais e muita, mas muita, gente desorganizada, incompetente e alguns poucos, graças aos céus, gatos pingados dados a falcatuas e atos desonestos.

Ademir Pascale: Qual a sensação em ter ganho o prêmio Rachel de Queiroz da academia Brasileira de letras com o romance O Clube dos Imortais?

Kizzy Ysatis: em Clube dos Imortais, eu dei meu sangue, minha vida, minha alma. A sensação de ter ganhado o prêmio foi indescritível, tamanha alegria. Nunca antes os pensantes da literatura nacional tinham olhado para uma ficção de vampiros e dito: “Olha, isso é Literatura de alta qualidade”. Quando você é um autor estreante é difícil a via sacra para conseguir um voto de confiança numa grande editora, ainda mais a Novo Século que já tem o André Vianco que vende bem suas aventuras. Mas vale lembrar: o Rachel de Queiroz não é da Academia, é da sede da União Brasileira de Escritores, que é no Rio, com o apoio da Academia, tanto que a celebração foi mesmo na ABL e teve um representante imortal na cerimônia, o Antonio Olinto. Ainda me lembro, no dia seguinte teria um almoço no Copacabana Palace do qual não fui porque não tinha dinheiro para pernoitar no Rio ensolarado, tive de voltar à tempestuosa São Paulo e, de quebra, ainda fiquei flutuando na enchente, sem brincadeira.

Ademir Pascale: O trajeto até a publicação da sua primeira obra foi fácil? Existiram obstáculos?

Raphael Draccon: Nunca é. “Dragões de Éter” foi recusado em todas as grandes editoras, menos na Planeta. Entretanto, não existe “sorte grande” nesse mercado, como quem está de fora pode vir a acreditar. Todos os escritores que já chegaram a uma grande editora têm por trás uma história pessoal que as pessoas deveriam parar para escutar. Não necessariamente porque deveriam tentar a mesma “sorte”, mas porque se exige um gasto de energia tão grande no processo, que a pessoa sai fortalecida. E melhor.

Não acho que o mercado de fantasia hoje esteja mais aberto para o escritor nacional do que em qualquer outra época. Ele continua difícil como sempre foi. Apenas hoje as editoras sabem que ele não pode ser ignorado, o que não quer dizer que irão abrir suas portas por causa disso.

Para eu conseguir minha chance, por exemplo, foi preciso um longo e arriscado plano, que tinha tudo para dar errado. A questão é que não existem muitos escritores nacionais que admitam querer escrever para um grande público. Como já disse um editor: a maioria quer ser Machado de Assis ou Mário Prata. E esses caras são únicos.

O fato é que uma obra pode ter conteúdo, ser bem escrita e ser popular; acreditar no contrário é elitizar uma literatura que já é segregada.

Eu tive uma chance, e sabia que seria minha única chance. Ainda assim foi difícil. A Planeta não tem tradição no setor de fantasia, e se dependesse da alta cúpula da editora, o livro não tinha saído. É que eu tive um editor de visão que não havia conseguido parar de virar as páginas do original, e sabia que “Dragões de Éter” podia competir com os atuais concorrentes estrangeiros. Além disso, ele me deu regalias que autores iniciantes não costumam ter: eu dei o aval final para a seleção do capista, Renato Alarcão, que tem um trabalho espetacular, e fui consultado desde a diagramação até a fonte escolhida.

Houve problemas nas etapas da preparação de texto para revisão, mas que serão resolvidos. O romance foi lançado sem propaganda alguma, ou sequer uma noite de lançamento. Sendo exibido em uma ilha de livros, apenas no estande da Planeta, durante a Bienal de 2007, no Rio de Janeiro, foram vendidos 200 exemplares. Na época de Natal, passou dos mil.

Tudo por causa dos leitores. Bendito é o escritor que ama um grande público.

Ademir Pascale: Você também participa de antologias? Caso sim, você acredita que elas ajudam os novos autores a adentrarem no tão difícil mercado editorial brasileiro?

Nazareth Fonseca: Vou participar de duas antologias “Necrópole - Histórias de Bruxaria” e “Anno Domini”. Sim elas sem dúvida ajudam os autores de um modo geral a se manterem diante dos olhos dos leitores. E a revelar novos talentos.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista, como está o mercado literário brasileiro? As editoras estão abrindo as portas para os nossos escritores ou ainda preferem os estrangeiros?

Saulo Sisnando: Muita gente acha que apostar num novo autor é apenas publicar o livro e pronto. O que não é verdade! É preciso de todo um aparato de divulgação, distribuição, etc. Eu acredito que ainda existe, por parte dos leitores, um grande preconceito sobre a literatura nacional. Parece que só se produz no Brasil livros-cabeça. Eu espero que a grande literatura brasileira continue existindo, mas anseio que o mercado editorial abra espaço para a literatura divertimento. O Best-seller. O folhetim.

Eu fico muito feliz quando eu vejo o [André Vianco](#) na lista dos mais vendidos, eu acho que ele

desempenha um ótimo papel incentivando a garotada a ler. Fico puto quando o povo detona o Paulo Coelho. Eu li alguns livros dele, e NÃO gostei. Mas ele vende! Ele chega às pessoas, ele as toca, ele faz a dona de casa ir à livraria comprar um livro. Prefiro o Paulo Coelho ocupando cadeira na Academia Brasileira de Letras do que o José Sarney.

Acho que as editoras não sabem escolher livros de jovens escritores... Há muita gente escrevendo livros ótimos e muito vendáveis. Mas o que eu tenho visto de jovens escritores são livros imaturos e chatos (sem contar com os erros de português). Acredito que as editoras precisam de Best-Sellers brasileiros, acho que precisam de livros nacionais com reviravoltas, tramas bem boladas, personagens carismáticos. Eu queria muito que nas escolas, as professorinhas dissessem pros alunos que ler pode ser divertido. Eu me lembro, p.ex., que quando eu tinha 14 anos, uma professora escolheu como leitura obrigatória do ano letivo Ubirajara e Memórias Póstumas de Brás Cubas. Você tem noção do que foi para um guri de 14 anos ler Ubirajara? Felizmente consegui superar este trauma, mas estou certo de que muitos de meus coleguinhas de colégio carregam esse medo da literatura até hoje. Torço para que esta professora tenha morrido ou se aposentado e, no lugar dela, tenha entrando uma professorinha ‘porra-louca’, que passou para os alunos todos os livros do Harry Potter.

Ademir Pascale: Você já publicou contos nos EUA, Reino Unido e Espanha. Os processos de seleção, negociação e publicação, são os mesmos adotados pelas editoras brasileiras ou existem diferenças ou mais benefícios?

Marcelo Hipólito: A principal diferença é o tamanho do mercado consumidor desses países, o que diversifica os conteúdos publicados, com grande segmentação de público e oportunidades para escritores dos mais diversos gêneros, inclusive os de ainda pequeno espaço no Brasil, tais como: ficção-científica e terror. É um ciclo virtuoso: maior público cria maiores oportunidades para que novos autores surjam e firmem-se em carreiras sólidas, o que gera literatura de maior qualidade que, por sua vez, atrai mais leitores. De qualquer maneira, o mercado brasileiro tem melhorado e se expandido. Daí eu ter decidido lançar “Lúcifer – O Primeiro Anjo”, meu primeiro romance, no Brasil e em língua portuguesa. Isso obviamente traz maior celeridade aos processos de negociação no exterior.

Ademir Pascale: Com o crescimento da internet e da inclusão digital em nosso país, você acredita que os e-books e audiolivros, poderão um dia tomar o lugar dos livros impressos, ou isso não acontecerá, ou está muito longe de acontecer? Qual a sua opinião?

Reinaldo Polito: Acredito que todos esses meios irão conviver e se complementar. Haverá, sem dúvida, um aumento considerável na utilização dos e-books e audiolivros, mas os livros não deixarão de existir, nem perderão sua importância.

Um exemplo interessante é o meu livro “Superdicas para falar bem”, que lancei também em audiolivro. Tenho informações, especialmente dos meus alunos, que gostaram da idéia de ler o livro em casa e também ouvir o audiolivro, enquanto estão no carro.

Ademir Pascale: Nosso portal é visitado por escritores novatos e experientes e sempre costumo perguntar aos meus entrevistados o caminho para o sucesso na publicação da primeira obra. Qual seria a sua dica?

Daniel Frazão: Se possível, entre para o Big Brother. Dessa forma, o sucesso com a primeira obra será mais fácil. Hehe, estou brincando. Cara, acho que não tenho dicas para o sucesso. Alcançar o sucesso é como ter uma bela menina apaixonada por você. Pura sorte. Nada a ver com mérito. Escrever bem, sim, tem a ver com mérito. E essa dica eu posso dar. Para ser um bom escritor (ou pelo menos para ser um escritor do seu próprio agrado) basta uma coisa: escrever. Escrever o que der na telha, o tempo todo. Quando ficar cansado, não descanse, escreva sobre o cansaço.

Ademir Pascale: Em relação ao mundo editorial, as editoras finalmente estão deixando um pouco de lado os escritores internacionais e se voltando para os nacionais. Na sua opinião, foi o interesse crescente dos leitores brasileiros pelos autores nacionais ou algo mais?

Cláudio Villa: Eu acho que o caminho vem sendo aos poucos desbravado, mas lhe digo que as grandes editoras ainda têm muito receio em apostar no autor nacional, especialmente no iniciante. O público em geral também ainda fica receoso em livros de ficção nacionais, preferindo se pautar pelos best sellers e pelo que a mídia divulga.

Acho que o caminho realmente deve ser semelhante ao que vem ocorrendo no cinema nacional. A pouco mais de dez anos o cinema era dividido em filmes de terror, ação, comédia, drama, aventura...etc e...filme brasileiro. O cinema nacional era quase que um gênero a parte, porém hoje essa distinção vem caindo por terra graças à qualidade com que esses filmes vêm sendo feitos.

Com a literatura é a mesma coisa, quando tivermos grandes editoras investindo em autores nacionais, arriscando publicar seus livros e especialmente divulgando esses autores na mídia, aí acredito que o preconceito com a literatura nacional vá desaparecendo e se abra uma estrada semelhante à aberta pelo cinema.

Ademir Pascale: Poderia dar dicas para os jovens leitores que desejam iniciar no meio literário?

Simone Marques: Minha dica é para que primeiro sejam leitores e leiam muito, muito mesmo! Procurem digerir as histórias, olhar pelos olhos do autor, descobrir as sutilezas que diferenciam um trabalho do outro... Depois escrevam, escrevam para vocês primeiro e depois transformem seus escritos para que os outros leiam, se façam entender...mesmo que não tenham intenção de publicar. A avaliação através dos olhos dos outros é riquíssima e muito importante para o crescimento do escritor!

Ademir Pascale: É verdade que a procura dos leitores pelo gênero ficção/terror está crescendo nos últimos tempos? Por quê?

Giulia Moon: Acho que o interesse por esse tipo de leitura sempre existiu. Stephen King é um sucesso duradouro e constante no Brasil. Nós temos o José Mojica, que criou um personagem, o Zé do Caixão, que teve o mérito de alcançar o sucesso numa época em que fazer cinema no Brasil era coisa de heróis. O que está acontecendo é que o mercado descobriu o segmento dos leitores de literatura fantástica, após o boom dos filmes de fantasia nos últimos anos, como Harry Potter e Senhor dos Anéis e, recentemente, com as adaptações de HQ como o Homem-Aranha, Homem de Ferro e Batman. O Terror, assim como a Ficção Científica e a Fantasia, estão na moda, o que, espero, não seja uma onda passageira, mas o início da formação de um mercado sólido e permanente. Para isso, nós, escritores, e as editoras devemos produzir livros de qualidade, para conquistar de forma definitiva esse público que vem nos ler, atraídos pelo cinema ou pela TV. E mostrar a ele que o autor brasileiro tem talento e merece ser prestigiado e comprado.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista como editor, o que o mercado editorial brasileiro busca no jovem escritor que deseja ingressar no meio literário?

Richard Diegues: Em uma palavra: profissionalismo! Os novos autores pensam que o fato de terem escrito um livro os torna aptos para a publicação. Isso é muito ruim e uma das coisas que eu mais lamento hoje em dia. Qualquer pessoa que acredite que pode se tornar um escritor de livros – aqui vale uma observação: quem escreve é escritor, mesmo na Internet, mas existe um segmento que prefere ser escritor de livros, e essas duas áreas são como água e vinho: fácil de diferenciar, e muito duro de separar depois que se misturam – deve produzir pelo menos dois originais, sendo que três é

o desejável, antes de sequer pensar em enviar um original para uma editora. Sinceramente conheço dezenas de bons livros que secaram a fonte dos seus autores. A fonte de um profissional nunca seca, se é que me faço compreender. Em resumo, sinto falta do escritor que escreve para colocar suas idéias no papel, de forma pretensiosa, com esmero, cuidado, e acima de tudo, sem pressa. Onde está aquele escritor que tem quatro originais na gaveta, e ainda assim prossegue escrevendo? Onde está o jovem escritor que se dedica a arte, antes da celebridade? Uma verdade: viver da venda de livros em qualquer recanto do mundo é uma tarefa árdua e cansativa. Na literatura, um autor profissional é o que reúne as seguintes qualidades: vontade (de mostrar suas idéias), criatividade (para passar essas idéias ao papel de maneira inteligente), paciência (para deixar as idéias repousando no papel e vez ou outra as retomar e reescrever até se tornarem algo polido) e desprendimento (para não acharem que serão publicados e ficarão ricos com isso, mas sim que estarão passando suas idéias adiante).

Ademir Pascale: No seu ponto de vista, como está o mercado editorial brasileiro para os jovens escritores que desejam ingressar no meio literário?

Nelson Magrini: É um pouco difícil falar do mercado editorial como um todo, mas as perspectivas dentro da chamada Literatura Fantástica são muito boas, e estão se ampliando ainda mais. É inegável que a abertura atual se iniciou com o André Vianco e com a iniciativa da editora Novo Século, que um pouco tempo criou a Coleção Novos Talentos da Literatura, tornando-a um canal de entrada para milhares de escritores, em sua maioria jovens, que até a pouco tempo não tinham, e nem sabiam, como chegar às editoras. E o que vemos a partir disto foi que, em pouco anos, várias editoras têm se voltado para este segmento e principalmente, para o autor nacional. De fato, hoje temos uma nova geração, ou nova frente de escritores nacionais que encabeçam e fazem Literatura Fantástica de primeira linha. Não só tenho orgulho de pertencer e ter ajudado a iniciar este movimento, como mais orgulho ainda quando me deparo, no orkut, por exemplo, com leitores trocando comentários entre si e dizendo que atualmente, procuram e dão preferência ao autor nacional. A próxima leva que está vindo aí promete bastante e deixará o mercado ainda mais receptivo a outros que se seguirão. Inclusive, estamos vendo um fenômeno que muitos ainda não se deram conta, que nossos jovens, muitos na faixa de quinze, dezessete anos, estão deixando de ser apenas leitores, para se sentarem à frente de seus micros e começarem a criar, escrever. Não sei dizer qual foi a última década em que tal aconteceu, mas faz um bocadinho de tempo!

Ademir Pascale: Na sua opinião, qual seria o real motivo do grande salto que a literatura fantástica deu nestes últimos anos?

Adriano Siqueira: A literatura fantástica tem crescido desde 2000 no caso dos vampiros e terror brasileiros tinham pouco mais de 10 livros perto dos mais de 200 nacionais que temos hoje. Foi um longo passo para o público nacional acreditar nos autores nacionais sobre o tema. Mas, aos poucos tomamos as livrarias. Autores como o André Vianco chegam a ter vitrines especiais. O ingresso do Paulo Coelho na academia brasileira de letras em 2002 incentivou muito os escritores fantásticos a acreditarem na sua obra. Nesta última Bienal do Livro eu nunca havia visto tantos autores de vampiros unidos. É um prazer enorme estar entre eles. Pois vi tudo isso nascer e quero estar sempre presente pois ainda existem muitas histórias para contar. Muitos autores bons que não foram descobertos. Muitos autores que ainda tem seus livros para lançar. Enfim... O universo é grande e tem espaço para todos.

Ademir Pascale: Em geral, o que você acha das antologias e do grande crescimento do interesse por parte dos leitores pela literatura fantástica?

Waldick Garrett: Essa é a independência literária que tanto o Brasil necessita, de deveras importância para o crescimento cultural. Tem-se, pairando há tempos em nosso país, que a literatura no Brasil se resume ao romancismo de uma década atrás. Devemos, sim, cultuá-lo, relembrá-lo, mas

não nos resumirmos a ele. Temos de seguir em frente, dar oportunidade aos novos escritores, aos inovadores, para que haja, também, o reconhecimento estrangeiro de uma literatura brasileira atual. Temos de combater a idéia de que a literatura fantástica não é “séria”, culta. E só faremos isso com muito trabalho, originalidade, no sentido de silenciarmos os pseudo-intelectuais, de conceitos vazios e presos ao passado. Temos conseguido ultrapassar essas barreiras, principalmente com o auxílio dos novos leitores... se nós pararmos para refletir, concluiremos que há dez anos praticamente inexistiam novos escritores de ficção, de suspense e terror no Brasil. O que acontece hoje, essa ascensão bela e espantosa do estilo é, literalmente, fantástico.

Ademir Pascale: Quais dicas você daria para os jovens escritores que desejam ingressar no meio literário?

Roberto Causo: É preciso se enturmar, avaliar o mercado, entender onde e como você pode se integrar a ele. Isso não quer dizer se “vender” ou se “submeter” ao mercado, mas entendê-lo para não perder tempo e para fazer o melhor proveito das oportunidades que aparecerem. E quando digo que é preciso se enturmar, isso vai com um alerta para os excessos da “política literária”, as frequentes disputas entre um grupo e outro, entre orientações diversas do que é desejável ou não. Também recomendo frequentar oficinas literárias, estudar técnica narrativa, caracterização de personagens e construção de enredo. Como há muita gente em atividade, o jovem escritor deve se apresentar o mais próximo do pronto que ele puder.

Ademir Pascale: Referente ao mercado literário brasileiro, está sendo fácil publicar uma obra?

Rober A. Pinheiro: Nem um pouco. Ainda há pouca visibilidade para a literatura fantástica nacional e, principalmente para autores iniciantes, as dificuldades são muitas. Primeiro, porque é necessário vencer as barreiras pra se chegar as editoras e depois rezar para que seu original seja, ao menos, visto. Há um vácuo muito grande entre autor e editora e como não temos tradição neste tipo de literatura (ou pelo menos não tanta quanto seria necessário ou gostaríamos), as editoras tradicionais acabam optando por não se arriscar a publicar novos autores, o que torna esse vácuo uma barreira a mais, muitas vezes difícil de ser transposta. Há outras tantas editoras dispostas a publicar livros, mas a um preço tão alto que se torna praticamente inviável. Felizmente, há ótimos nomes surgindo, não apenas de autores mas de editoras voltadas para este segmento, nomes como a Não Editora e a Tarja, o que dá novo ânimo para os novos escritores e abre um pouco mais os olhos do mercado para este filão. Também há ótimas iniciativas de revistas e zines voltados para a divulgação da FC, Fantasia e Terror. Tudo isso, a meu ver, contribui para que a literatura fantástica nacional ganhe cada vez mais adeptos e este caminho se torne menos tortuoso.

Ademir Pascale: Nestes dois últimos anos (2007-2008) estão surgindo inúmeras antologias de diversos gêneros. Qual a sua opinião com relação a participação de um escritor em uma antologia?

Tibor Moricz: Acredito que as antologias são a principal forma dos autores contemporâneos mostrarem seu trabalho. O mercado literário é extremamente restrito e concede maiores chances àqueles cujos trabalhos têm aprovação virtual. Me refiro não só às antologias impressas, mas também àquelas publicadas pela internet, através de revistas virtuais e zines. Não foi assim comigo, que percorri o caminho inverso, mas certamente é para a grande maioria.

Ademir Pascale: Nada melhor do que pedir dicas para um grande mestre como você: como os interessados que desejam ingressar na literatura, devem proceder para publicar suas obras? Existe uma receita específica?

André Carneiro: Sim, existe uma receita, uma espécie de tempero que carrega um original pelas portas de uma gráfica e deposita as folhas impressas, das livrarias para as mãos dos compradores.

Esse tempero mágico chama-se QUALIDADE. Qualidade do assunto, do estilo, do desenvolvimento. Os iniciantes têm de se conformar, esse tempero só se obtém escrevendo bastante, cada vez mais. Graciliano Ramos era prefeito de uma cidadezinha nordestina. No fim do ano mandou para o Rio um relatório sobre a cidade pedindo verbas para melhoramentos. Havia um editor por ali e disse: Este camarada escreve muito bem, deve ter um romance já escrito. Escreveu perguntando. Graciliano tinha. Assim publicou seu primeiro livro, só porque escrevia bem. Por isso quem quer ser escritor, deve escrever bem. O resto é fácil. Para subir de emprego, de prefeito para autor é só pedir verbas para a cidade, muito bem redigidas...

Ademir Pascale: Como você enxerga o mercado editorial brasileiro para os escritores iniciantes?

Leonardo Brum: Tenho uma visão bastante otimista a respeito. Hoje em dia existem inúmeras editoras de pequeno porte que podem ser uma boa opção para lançar um livro. O mercado está bem diferenciado também, atraindo oportunidades de publicações de inúmeros gêneros. As possibilidades de exposição e divulgação aumentaram substancialmente e a custos menores, da mesma forma que o acesso à informação tem sido ampliado em grande escala. Claro, a concorrência talvez tenha aumentado também, mas ainda acredito que uma boa história tem o poder de superar inúmeras barreiras.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista como editor quais são as principais características que uma editora seleciona em um escritor para ser publicado?

Edson Rossatto: Geralmente assuntos polêmicos. Sua obra desafia a igreja? Seu texto será um novo Código DaVinci! Você é uma ex-garota de programa? Opa! Mais uma Bruna Surfistinha na parada. Hoje em dia – infelizmente - o que determina se uma obra será publicada ou não é a quantidade de livros que ela vai vender no menor tempo possível. Então está ficando cada vez mais raro os Saramagos da vida conseguirem esse espaço.

Ademir Pascale: Em geral, as editoras brasileiras estão abrindo as portas para os jovens autores ou estão publicando apenas aqueles que já tem uma vasta bagagem no meio?

Juliano Sasseron: Apesar de nos últimos anos terem surgido novos autores e as editoras estarem apostando na literatura nacional, isso ainda deixa a desejar. Não adianta ser publicado e o livro ficar escondido na estante. Falta tanto as editoras terem mais confiança nos autores do país, quanto os próprios leitores exigirem mais livros escritos aqui. Isso tudo é um processo que aos poucos está melhorando.

Ademir Pascale: Quais são as suas dicas para os que desejam ingressar no meio literário e futuramente publicar um livro?

Antônio Carlos Secchin: Ler o máximo, escrever o mínimo - em geral, tende a ocorrer o contrário...

Ademir Pascale: Para os autores iniciantes, qual seria a sua dica para a chave do sucesso?

Rosana Rios: Ler muito. Pesquisar muito. Revisar vinte vezes cada original, buscando o equilíbrio entre o coloquial e a norma culta, entre o fluir do texto e a gramática correta. E não desanimar com as recusas dos editores: mesmo tendo 20 anos de carreira e 100 obras publicadas, eu recebo recusas com frequência. Uma recusa não quer dizer que seu livro não é bom, significa que o editor tem outros interesses em mente, e que você sempre pode melhorar seu texto. Cada livro tem seu espaço, o autor deve apenas ter a paciência para encontrar o espaço certo.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista, quais são as principais dificuldades do autor em início de carreira em nosso país?

Victor Maduro: Em primeiro lugar, é muito difícil uma editora apostar num autor desconhecido, mesmo sendo brasileiro. É bem mais garantido para elas traduzirem um autor estrangeiro, que já é famoso, e tem um mercado solidificado, do que bancar um novo talento. Sendo assim, muitas vezes é difícil encontrar uma oportunidade de ter sua obra lida (já ouvi de escritores nacionais famosos que os editores lêem apenas as 3 primeiras páginas, o que é muito pouco para se conhecer um livro). Outra dificuldade que encontramos se refere com a divulgação, e/ou colocar seus livros nas livrarias para venderem, visto que hoje estamos dominados pelas grandes redes de livraria que às vezes oferecem pouco ou nenhum espaço para os novos autores, ou ainda exigem um retorno financeiro muito grande. Oportunidades como essa do portal Cranik são poucas, e ficamos muito contentes pelo espaço cedido.

Ademir Pascale: Qual seria o melhor caminho para um autor em início de carreira?

Márson Alquati: Em primeiro lugar, jamais desistir de seus sonhos, persistir e lutar o tempo que se fizer necessário até ser reconhecido (uma excelente ferramenta para isso é participar sempre que for possível de antologias, dos sites e blogs que publicam contos de autores iniciantes como o Cranik, o Estronho e o Fontes da Ficção e de zines especializados em minicontos como o TerrorZine. O Orkut e o Skoob também são eficientes canais de divulgação). Em segundo lugar, ser humilde e sensato o bastante para reconhecer que não sabe tudo e que a vida é uma escola de constante aprendizado. E em terceiro lugar, ler muito, pois todo grande escritor é antes de qualquer coisa, um grande leitor.

Ademir Pascale: Quais são as suas dicas para os autores iniciantes que desejam publicar suas obras?

Leandro Reis: Quando eu comecei me deram várias dicas, quatro das quais sempre repasso aos iniciantes que me procuram:

- 1 – Escreva contos! Trabalhe vários tipos e tamanhos. Eles são a melhor ferramenta para se aprimorar e tirar os vícios iniciais. Além de haver diversas comunidades e listas que promovem desafios e incentivam a escrita dos mesmos, avaliando resultados e dando dicas.
- 2 – Peça para desconhecidos lerem e opinarem sobre seus textos. Estas serão as opiniões realmente sinceras e proveitosas. Várias comunidades têm pessoas dispostas a ajudarem com nossos textos.
- 3 – Estude o mercado antes de pular nele. Saiba o que as editoras esperam das obras e o que esperar das editoras. Isso lhe dará paciência, argumentos e visão para tornar-se um bom escritor.

Ademir Pascale: E qual a sua opinião referente a aceitação das editoras na publicação de novos escritores?

M. D. Amado: Bom, eu não estou muito interado de uma forma geral. Sei por alguns amigos, que a coisa não é tão fácil e muitos partem para a edição independente, o que eu também devo fazer em breve. Acho válida a iniciativa das antologias de algumas editoras. Embora ainda tenhamos que pagar para publicar, é sem dúvida um caminho mais fácil e eficiente para mostrar o trabalho. Só acho que falta mais divulgação nas prateleiras. Pelo menos aqui em Belo Horizonte, quase não se vê nada do gênero, de autores brasileiros, exceto do André Vianco.

Ademir Pascale: Quais são as dicas que você daria para os novos escritores que desejam publicar os seus textos em uma editora?

Felipe Colbert: São muitas, desde o momento em que se escreve até a divulgação da obra. Se fosse resumir, eu diria: escreva sem pressa, procure bons profissionais para avaliar seu texto antes de encaminhá-lo as Editoras (principalmente uma leitura crítica), e finalmente, deixe a Editora tomar as rédeas do projeto. Eles vivem de vender livros, então sabem exatamente o que devem fazer. E depois de publicar a obra, não se esqueça: faça também a sua divulgação pessoal.

Ademir Pascale: E qual é a sua visão referente ao mercado editorial brasileiro?

Danny Marks: Eu gostaria de dizer que é a melhor possível, mas ainda há muito espaço para crescimento. Observo que nos últimos anos houve um crescimento fabuloso, mas ainda não chegamos perto de países desenvolvidos em termos de produção cultural e interesse do público. Sempre alerta aos iniciantes para terem cuidado com as armadilhas que existem, e há muitas como em todos os ramos da atividade humana, ainda mais por não haver uma cultura popular desenvolvida para deter esse problema. Mas a minha expectativa é boa, várias editoras estão dando espaço para a produção nacional e descobrindo talentos importantes. Acredito que cada um pode ter participação nesse processo, lendo ou escrevendo, divulgando esse esforço e estimulando o crescimento. Só através da cultura um povo cresce, abre os olhos para a realidade e encontra soluções para os seus problemas.

Estamos nesse movimento, e cabe a cada um de nós contribuir da melhor forma que puder para que haja sempre esse estímulo positivo.

Ademir Pascale: Uma pergunta que sempre faço em minhas entrevistas é: como está o mercado editorial brasileiro para os que buscam publicar suas obras? Embora existam mais leitores, está sendo fácil publicar? E qual é a receptividade das editoras com os novos e já consagrados autores?

Miguel Carqueija: Na minha modesta opinião o autor nacional precisa cavar incessantemente, buscar as oportunidades, trabalhar para que haja sempre uma produção sua na mídia, mas é fato que de alguns anos para cá surgiram muitas edições de livros desses gêneros, através inclusive de editoras novas, que estão investindo nos gêneros fantásticos e na ficção científica. O que falta são as coleções periódicas, de bolso ou não, que antigamente eram encontradas com facilidade.

Ademir Pascale: Qual a sua opinião referente ao mercado editorial brasileiro no quesito publicação de novos autores? As dificuldades continuam ou hoje está sendo mais fácil publicar?

Christian David: Olha, não é fácil publicar, mas também não é impossível. Vejo com bons olhos o futuro do mercado, acho que estamos tendo uma abertura interessante para novos autores e sou otimista quanto ao que pode resultar disso. Ainda assim continua sendo uma empreitada conseguir impressionar uma editora a ponto de ser publicado.

Ademir Pascale: Quais são as suas dicas para os autores em início de carreira?

Jorge Luiz Calife: Pesquisar muito o assunto escolhido e escrever sobre aquilo que gostam e entendem.

Ademir Pascale: Quais dicas você daria para os autores em início de carreira?

Sérgio Pereira Couto: Basicamente duas: leiam muito e escrevam mais ainda. É importante que saibamos pesquisar um assunto de maneira correta, pois a profundidade somente retrata o nível de qualidade que você quer impor à sua obra. E escrevam muito: um estilo pessoal não é descoberto no primeiro ou segundo trabalhos. Demora muito para termos algo que podemos chamar de estilo, por isso é importante termos a mente aberta. Leiam de tudo um pouco, procurem referências literárias,

freqüentem eventos literários para poderem conversar com outros autores iniciantes e, o principal, escrevam e procurem obter opiniões de terceiros para notar sua evolução de estilo. Ah, sim, e sempre que possível, procurem um curso, uma palestra ou um workshop que possam passar para vocês noções de teoria literária. Coisas como dicas de construção de personagem, de cenário, de trama, entre outros. Informação é importante para o jornalista, mas mais importante ainda para o escritor.

Ademir Pascale: Para os autores iniciantes, quais dicas daria para a chave do sucesso?

Regina Drummond: Leia, leia muito, leia tudo que conseguir, leia os clássicos. E escreva, escreva muito, escreva tudo que aparecer na sua cabeça. Escrever se aprende escrevendo – e lendo.

Ademir Pascale: Na sua opinião, por que alguns livros fazem tanto sucesso? É o forte marketing, a qualidade literária excelente da obra, o carisma pessoal do escritor ou o conteúdo geral do livro, como gênero, título, autor, qualidade literária, editora, etc?

James McSill: O segredo do sucesso daria uma série infundável de entrevistas! Recordo-me que em maio, passei dois dias na Livraria da Cultura conversando com autores sobre esses aspectos.

No entanto, para resumir a ópera, marketing, por si só, pouco adianta na maioria dos casos – excetuando-se a literatura para segmentos definidos da sociedade – o boca-a-boca é o que realmente vende. O marketing pode, inclusive, ter efeito oposto: “todo mundo fica sabendo da porcaria que NÃO vale a pena comprar”. Torra a obra e torra o autor. O pobre vivente vai ficar marcado para o resto da vida. Vi isso acontecer inúmeras vezes.

Nas reuniões editoriais, recebemos textos desses autores e nem lemos as primeiras linhas. Infelizmente é um mercado em que, se o fulano fez um alarido muito grande e errou o alvo, está *f..rito!* O que conta será sempre a qualidade da obra, claro. Se for ótima, pode vender pouco hoje, mas vai vender mais em outro dia. Ao menos, o autor não vai passar nenhuma vergonha!

Ah! Tu perguntaste do carisma também. Hoje em dia, carisma em conjunto com uma boa obra é o ideal. Se a obra for mais ou menos e o menos for compensado pelo carisma, vende bem. É o caso da literatura de nicho de que eu falava antes: a evangélica, a gay, a how-to, a de piadas. O carisma é o escritor que é do meio ou o que fala para o meio, o que o meio quer ouvir. Acho que isso responde o que me perguntaste sobre o conteúdo, este tem de ser adequado à audiência.

A editora pode importar por causa da distribuição, mas isso, a passos de cágado, está mudando. Tudo tem um peso, tudo depende. A indústria do entretenimento é muito dinâmica. Tudo o que eu possa dizer pode ser desdito, por mim mesmo!

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os autores em início de carreira e qual a sua visão geral sobre o mercado editorial brasileiro na atualidade?

Daniel Pedrosa: Persistência !! (rs..rs..) – pausa – Tudo bem, não precisa se preocupar vou tentar ser mais específico. Acredito que a vida de um autor é baseada em persistência e respeito pelos leitores. Não desistir de melhorar um texto quando acha que não está bom, não desistir de procurar uma forma de publicar o que escreveu, ler, ler e ler, além de estudar, estudar e estudar. Ao fim de tudo isso, com certeza nascerá um bom livro, e a partir daí, como me disse o André Vianco é respeitar o leitor de sua obra, pois é para ele que o autor escreve.

Quanto ao mercado, tem muita gente boa escrevendo e lutando pelo crescimento do mercado editorial brasileiro: André Vianco, Nelson Magrini, J. Modesto, Jorge Tavares, entre outros, estão colocando excelentes obras nas livrarias e isso, aliado a iniciativas como o Terror Zine e campanhas como a da Celly Borges para leitura de autores nacionais, revela com certeza que o futuro é promissor.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Jorge Ribeiro: Ler. Ler. Ler. Mais do que escrever. Ler os bons e os maus escritores. Participar de oficinas literárias. Conhecer gente do meio. Inventar. Descobrir. Rer ler textos geniais e analisar as técnicas neles utilizadas. Não me lembro quem foi que disse: se um escritor fosse impedido de escrever e não morresse é porque ele não era escritor.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista, como está o mercado editorial brasileiro? Está sendo mais fácil publicar?

Jocir Prandi: Penso que hoje se lê mais que em outros tempos, mas isso não significa que se compre mais livros. Empresta-se, troca-se, lê-se e-books, mas o livro físico é em geral muito caro. Quanto a publicar, hoje há mais opções. Se o autor tem dinheiro para bancar a publicação, seja ou não com divulgação e distribuição inclusas, as opções são numerosas. Difícil é conseguir que uma boa editora invista em nosso trabalho. As antologias, como as que você, Ademir, organiza, são uma ótima opção para que o autor entre em contato com o mercado editorial.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os novos escritores em início de carreira?

Gerson Lodi-Ribeiro: Essa coisa de dar dicas para os outros é meio complicada. Em primeiro lugar, porque implica assumir, querendo ou não, uma postura de autoridade. Em segundo lugar, cada caso é um caso, cada pessoa um indivíduo.

Mesmo assim, vamos tentar.

O mais importante é ler bastante, não só literatura em geral mas, sobretudo, o tipo de gênero no qual se pretende escrever. Assim o escritor iniciante evitar os riscos de inventar a roda outra vez... e, pior de tudo, quadrada.

Outra coisa importante é desenvolver a disciplina necessária para escrever todo dia ou, se isto não for viável, escrever sempre que possível. Afinal, é clichê, mas convém repetir mesmo assim: “escritor é o sujeito que escreve”.

Também ajuda um bocado se o escritor em potencial puder exercitar a perseverança e a paciência ao lidar com as inevitáveis rejeições iniciais e com as críticas desfavoráveis construtivas, pois é através delas que o escritor se aperfeiçoa. Poucos escritores são verdadeiramente geniais, mas muitos possuem talento. Como sabemos, talento se exercita com a prática constante. Além disso, como diz o ditado: “o que as pessoas chamam de 'genialidade' é composta por 1% de inspiração e 99% de transpiração”.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os novos escritores?

Tatiana Ades: Para não desistirem nunca dos seus sonhos, o começo é difícil e o mercado editorial pode ser cruel, mas a força de vontade pode fazer milagres, basta seguir em frente!

Ademir Pascale: Com base em suas experiências, quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Dione Mara Souto da Rosa: A primeira sugestão que eu faço é ter domínio sobre a Língua Portuguesa e disposição para rler seus textos. Segundo, a persistência e auto-domínio para eliminar a ansiedade. O tempo de acontecer é uma questão pessoal para cada um. Eu ainda estou nos primeiros degraus e exercito minhas esperanças todos os dias.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os novos escritores?

Tim Marvim: Ter paciência e perseverança. Inúmeros escritores me dizem que escrevem como

falam, pondo em prática aquela velha tese pregada, entre outros, por Miguel de Unamuno. Pois não venham reclamar depois que as pessoas não dão o devido valor a seu trabalho. É óbvio que quem procede dessa maneira acaba trazendo para a língua escrita todos os detritos típicos da modalidade oral da língua. E muitos daqueles que seguem o exemplo do ex-reitor da Universidade de Salamanca não o fazem apenas porque se identificam com o pensamento do mestre espanhol, mas simplesmente porque não possuem o espírito paciente e perseverante que o gênio artístico exige. Querem fazer tudo para ontem, apressadamente, como se a obra de arte fosse latrina de rodoviária, cuja existência estriba-se na urgência e na desocupação rápida. O texto mal escrito, mal meditado e mal corrigido parece que lhes queima os próprios dedos. Esquecidos do conselho de Guimarães Rosa, que dizia para o artista construir pirâmides e não fazer bolinhos, eles preferem comer o bolinho frio do dia ao enorme trabalho de erguer uma obra consistente e duradoura. Segundo Théophile Gauthier, “somente a arte robusta goza da eternidade”. Veja que mais nada restou da grande Grécia além de poucas ruínas. Mas suas obras literárias aí estão, resistentes como bronze. É difícil para um americano entender que seus imensos arranha-céus viverão menos do que Edgar Allan Poe. Dia virá que ninguém mais falará nos panzers alemães, mas Mozart permanecerá no coração dos homens eternamente.

Muitas vezes, toda essa afobação provém do fato de possuir o autor um ego maior do que o próprio talento. Pessoas há que escrevem e posam de escritores apenas para alimentar a própria vaidade doentia, buscando um conforto duvidoso em elogios vazios e, na maioria das vezes, falsos. Mal põem ponto final num texto e já o atiram na cara dos amigos, famintos para receber algumas migalhas de aprovação e louvor. Não são escritores, mas mendigos da pena, que buscam angariar simplesmente o troco deles da glória miúda.

Ademir Pascale: Você foi sócio da Editora Ano-Luz, poderia contar para nós como foi a experiência em trabalhar numa editora e selecionar obras de ficção científica?

Carlos Orsi: Uma coisa que descobri é que não tenho alma de editor de ficção. Um grande editor é alguém capaz de inspirar o autor a ir além dos defeitos da obra. Eu simplesmente notava os defeitos e, a partir de um certo nível de problemas acumulados, rejeitava o trabalho. Uma coisa de que me arrependo foi não ter descoberto que o Gerson Lodi-Ribeiro e a Carla Cristina Pereira eram a mesma pessoa. Eu me lembro de, revisando alguns contos de “ambos”, notar que “os dois” usavam uma mesma ortografia peculiar sempre nos mesmos casos – mais puxada para o português de Portugal que para o nosso, provavelmente um hábito adquirido com a leitura de livros de ficção traduzidos em Portugal. A pista estava lá, e não vi seu significado...

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os escritores em início de carreira?

Rafael de Agostini: tem que insistir e acreditar. Não pode fazer projetos humildes que “podem dar certo”. Tem que, desde o princípio, fazer para dar certo. Já levei um monte de porta fechada na cara, me aproximei de profissionais que, no final das contas, só queriam usar meus recursos para fazer seus próprios sites ou ilustrar suas histórias sem me ajudar e me iludi com promessas de publicação. Mas não pode desistir. Uma hora você encontra o caminho, estará no lugar certo, na hora certa, e vai dar o tiro certo pra engatar a carreira com tudo.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista, como está o mercado literário para os jovens escritores do gênero horror, ficção científica e fantasia? Está sendo mais fácil publicar devido a onda vampiresca e dos filmes hollywoodianos ou as portas continuam fechadas? Considerando ou não esta última opção, quais seriam as suas dicas para um autor adentrar-se no meio literário e publicar a sua obra?

Allan Pitz: Está melhor sim, mas continua cruel para aqueles que escrevem sem consultar a guia de gêneros, querem liberdade criacional total. Sinto uma influência de marketing muito presente: Gênero, estilo. E se na minha história tiver partes policiais, partes de suspense, de fantasia, de

horror, for um grande mistério, e possua diálogos que, de alguma forma, sejam de auto-ajuda, qual gênero seria?! Isso me confunde... Não sei qual é o meu gênero, não sei, minha cabeça é um playground high-tech no Bahrein, e o sheik quer gastar!

A dica mais sincera para quem está começando na literatura e quer viver disso, sem hipocrisia alguma, é seguir um estilo que agrade as editoras, escolher enredos que se enquadrem à demanda de mercado, e firmar uma personalidade que também os agrade. Particularmente eu não fiz nada disso. Sigo na luta.

Ademir Pascale: Poderia dar algumas dicas para os jovens que estão ingressando no meio literário?

Laura Elias: Primeira coisa, se a pessoa já fez seu livro: registre! Veja lá no site da Biblioteca Nacional como se faz isso (é barato) e faça. Nunca envie um texto sem registro para ninguém. Com o texto registrado, começa a busca por editoras. Hoje há vários selos que editam por demanda, o que é interessante caso a pessoa não consiga uma editora. E, claro, mandar texto para várias editoras, sempre tendo em mente que o processo é demorado mesmo e que nem sempre seu texto será lido. A internet também é uma ótima ferramenta de divulgação, então faça um blog, divulgue no orkut, twitter e tudo mais que tenha chance. Quando mais visibilidade, mais oportunidades virão.

Para quem está começando a escrever e pretende seguir o caminho literário, eu sempre aconselho ler muito, mas muito mesmo, porém ler com olhos de escritor. Observar como as tramas são feitas e desenroladas, como os autores desenvolvem e descrevem os personagens, como são colocadas as surpresas de cada livro. E também escrever bastante. Acima de tudo escrever é prática, quanto mais faz, melhor e mais fácil fica.

Se você me permite, eu gostaria de deixar aqui uma outra dica que diz respeito à maneira de tratar leitores e pessoas que podem ajudar o autor a se tornar conhecido: seja gentil e seja educado, atenda todo mundo da mesma forma, pouco importa se é um elogio, uma crítica, um comentário. Gentileza abre muitas portas e faz bem ao coração, pratiquem.

Ademir Pascale: Poderia dar algumas dicas para os jovens que estão ingressando no meio literário?

André B. Junior: Em primeiro lugar, ler muito. Não me parece possível que alguém possa um dia se tornar um grande escritor sem antes ser um grande leitor. Em segundo lugar, recomendo muita paciência e perseverança, pois lidar com um mercado editorial como o descrito na resposta de uma das perguntas anteriores não é uma tarefa das mais simples. Também é imprescindível que o autor escreva algo de boa qualidade, pois com exceção daquelas editoras que aceitam publicar qualquer coisa mediante pagamento, as outras sempre vão evitar arranhar sua imagem perante os leitores lançando um livro ruim. No caso de alguma se dispor a publicar os originais enviados, acho importantíssimo exigir que tudo aquilo que for combinado verbalmente conste de forma detalhada no contrato, inclusive o tempo do qual a editora irá dispor para realizar a publicação. Infelizmente, há pessoas neste meio que – por incompetência ou mesmo má fé – não cumprem aquilo que prometem inicialmente, e o maior prejudicado com isso acaba sendo sempre o autor. Sei disso por experiência própria.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os escritores em início de carreira?

Bruno Resende: Leia exaustivamente e escreva também. Ao escrever, faça isso com deleite, com amor e busque uma causa para defender que possa edificar o seu próximo. Pensando no outro, estará chamando para si aqueles que poderão te ajudar.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os escritores em início de carreira?

Leonel Caldela: Leiam de tudo. Não fiquem presos aos gêneros que já conhecem e apreciam. Preocupem-se com a linguagem e a narrativa tanto quanto com a história. Encontrem satisfação no

ato de escrever, no quebra-cabeças das palavras, mesmo com um enredo simples. Encarem a profissão de escritor (na medida do possível) como qualquer outra. Ou seja: estudem, pratiquem, trabalhem duro. Não sejam levados pelo ar “romântico” da profissão. Convençam-se de que não existe “inspiração”; existe trabalho.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Alfer Medeiros: Na minha opinião, existem três pilares básicos para quem escreve: leitura, prática de escrita e atualização. A leitura fornece riqueza de vocabulário e assimilação de estilos, além de manter a imaginação em funcionamento, o que é essencial para o escritor. A prática de escrita é vital, pois a cada novo texto o autor vai ficando com mais desenvoltura no desenvolvimento do conteúdo, ao passo que também vai estabelecendo seu estilo próprio. A atualização é um item mais amplo, e que merece tanta dedicação quanto os anteriores. Aqui, há diversas possibilidades, como pesquisa sobre assuntos a escrever, cursos e oficinas para melhorar o processo de desenvolvimento de textos, e até um networking com autores e editores, uma troca de impressões e experiências.

Além de tudo isso, também é interessante o autor saber onde está pisando. Sempre é bom conhecer um pouco mais sobre o passado de editoras ou projetos literários antes de fechar qualquer tipo de parceria. Absorver informações de experiências anteriores de outros autores também é um bom aprendizado nesse sentido. Resumindo: evite cair em armadilhas, pois elas estão espalhadas por aí.

Ademir Pascale: Você enfrentou muitos obstáculos para publicar o seu livro ou o seu caminho foi tranquilo? Conte pra gente.

Eduardo Spohr: Publicamos inicialmente de forma independente, e vendemos pela Internet, através da NerdStore, a loja do site Jovem Nerd. Isso deu visibilidade à obra, e acabou chamando atenção da editora Record.

Ademir Pascale: Qual a sua visão sobre o mercado editorial brasileiro? Está sendo fácil publicar ou ainda existem barreiras?

Álvaro Domingues: Têm aparecido muitas editoras apostando no Fantástico e na Ficção Científica e começa-se a sentir um pequeno crescimento nas publicações e no público, mas ainda não há uma massa crítica que crie um boom. Entre elas, há editoras de antologias, algumas em regime de cooperativa, outras, cobrando dos autores outras editando da maneira convencional. Há uma controvérsia do fandom em relação à qualidade destas antologias pagas ou em cooperativa, mas não deixa de ser uma alternativa. Porém, se o candidato a escritor optar por este caminho, é bom conhecer os trabalhos anteriores desta editora e se há uma preocupação na seleção dos trabalhos que comporão o volume.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os jovens que desejam se aventurar no mundo das HQs como roteiristas ou ilustradores?

Anderson Almeida: A minha dica é: se você tiver quer fazer isso, faça...e continue. Não pare. Só com uma produção contínua podemos fomentar um mercado consumidor, desenvolver os profissionais necessários para o crescimento e expansão dessa mídia interna e externamente. Muitos artistas de valor vem contribuindo para a criação desse mercado, como os gêmeos Moon e Bá, Danilo Beiruth, Ivan Reis, Rodney Buchemi e coletivos como 4º mundo. Siga o exemplo desses caras e não pare nem que o próprio Satã esteja te ameaçando com uma escopeta do lado de sua prancheta.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista, o que um capista deve fazer para inovar e se diferenciar de

outros?

Marina Avila: Acho que é importante a pesquisa extensa de livros já publicados, principalmente de outros países, saber o que atrai os leitores e conseguir produzir uma capa direcionada. A inovação e novas ideias pra mim vem em inspiração em pôsteres de filmes, livros antigos, ilustrações... Já obtive inspiração até em sonhos, mas não pode ser considerada uma fonte muito confiável. rs. O que diferencia muito também é, não apenas a inovação da capa, mas a beleza dela. Talvez a beleza seja até mais importante. As cores são a nossa ferramenta, e elas funcionam como os instrumentos de uma orquestra. É fundamental que tenham harmonia pra transmitir essa beleza.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Estevan Lutz: Os escritores em início de carreira, como é o meu caso, devem se concentrar num curso que só acaba no final de nossa vida: o curso de leitura! Muita leitura! Além disso, o escritor também deve ser ávido por assuntos diversos e, muitas vezes, se tornar um autodidata em outras disciplinas, pois um livro, mesmo sendo de um gênero específico, traz muitas vezes consigo psicologia, religião, história, geografia, física, política, entre outros.

Ah, já ia esquecendo, gostar de pensar é fundamental, pois o tempo da criação literária, ao menos para mim, é constituído de 90% de pensamento e 10% de mão de obra de colocação no papel.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Duda Falcão: Não existe um segredo, ao contrário do que outras pessoas possam achar. Para ser escritor, deseje ser um escritor. Escreva. Escreva muito. Leia. Leia muito. E revise seus textos com paciência. Pode ter certeza, que se fizer isso, algum dia você alcançará seus sonhos. E, não esqueça, a rede social é importante. Faça contatos, converse com aqueles que já têm mais experiência. E, por fim, não deixe seus textos engavetados, escritor é aquele que publica.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os novos escritores?

Luiza Salazar: A mesma dica que eu sempre dou: acredite em você. O que mais tem no mundo é gente querendo desacreditar o trabalho dos outros, eu mesma já fui vítima de umas críticas que a gente vê que não tem nada a ver. Faça o melhor que puder, se divirta fazendo isso e torça para que as pessoas gostem do seu trabalho.

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os jovens que desejam ingressar na carreira como escritor?

Thalita Rebouças: Leia muito, obsessivamente, e escreva todos os dias, mesmo que você ache que não está ficando bom. Sem a prática constante não conseguimos evoluir.

Ademir Pascale: Para você o que falta para a nossa literatura tornar-se mais conhecida entre nós brasileiros, sendo que geralmente os livros que ocupam o topo em vendas no Brasil ainda são de autores internacionais?

Edith Chacon: Esta é uma pergunta complexa. Pesquisas dizem que o brasileiro lê pouco e as listas dos “mais vendidos” publicadas nos cadernos culturais e revistas semanais confirmam que o brasileiro lê mais literatura estrangeira. Por quê? Preconceito? Desinformação? Vende-se muita literatura estrangeira de qualidade, mas no meio muito best-seller. Se separar o best-seller, a conta não seria diferente? Não se pode comparar literatura com best-seller. Acredito que nossos escritores brasileiros continuam vendendo mesmo que lentamente. Exemplos: Moacir Scliar, Luís Fernando Veríssimo, Cristóvão Tezza, João Ubaldo Ribeiro, Martha Medeiros, Chico Buarque. Ademir,

sinceramente, não sei onde está o problema. Tenho mais dúvidas do que respostas. Por que nossos editores e livreiros divulgam e publicam mais literatura estrangeira? Política de mercado? E a poesia que não aparece em nenhuma lista, nem de brasileiros, nem de estrangeiros? Por que mídia e o governo não oferecem mais apoio aos escritores brasileiros? Como as escolas podem colaborar nesse aspecto?

Como professora de Português do Ensino Fundamental II, tenho observado que os jovens estão lendo sim! Tanto best-seller como literatura de qualidade. Cabe à escola cuidar da formação do leitor. A sala de aula deve estar sempre com as portas abertas para que as “leituras” aconteçam. Cabe ao educador torná-la atraente para que se queira andar entre livros, para que o leitor se sinta seduzido a enfrentar sabores e dissabores e principalmente para que ele enfrente o esforço que demanda uma leitura no seu sentido amplo. Ler o simples e o complexo. Ler, simplesmente ler.

Ademir Pascale: No seu ponto de vista, o que seria preciso para tornar o Brasil um país de leitores?

Rochett Tavares: Eu poderia bater naquela tecla de sempre, cuja melodia é: “investimentos do governo” ou “melhorias no sistema educacional”, mas não vou. Sabe por quê? Porque o brasileiro lê, sim. Infelizmente, só o que vem com nomes de autores estampados nas capas capazes de dar um nó em nossas línguas quando tentamos pronunciá-los.

Não que os autores estrangeiros não sejam bons, nada disso. Sou fã incondicional do mestre Howard Phillips Lovecraft e do não menos excelente Philip K. Dick. Entretanto, quando comecei a ler e tomei contato com o universo fantástico não havia tantas opções em nosso país como hoje. Tenho orgulho em ver que as mentes dos nossos jovens ou não tão assim (tenho 35 – risos) estão fervilhando de ideias.

Não importa se são lobisomens na Noruega, bruxas em São Paulo ou coisas sem nome rastejando no interior de Minas Gerais. O brasileiro está vendo que há mais coisas além de futebol, samba e cerveja em suas vidas.

Naquele texto que fiz em homenagem e apoio à sua iniciativa que vale ser comentada e repetida pelos anos que vem por aí (torço para os cultistas do fim do mundo em 2012 estarem enganados), o “No dia 20 de julho, dê um livro nacional de presente!”, comento essa situação. Desde a colônia, incutiram em nós o hábito de pensar que se algo vem de fora, é melhor que o que tem por aqui.

A prova disso é que o Harry Potter, os vampirinhos purpurinados (nada contra quem curte os dois tipos de literatura) são um fenômeno de vendas bem como tantas outras obras soltas nas prateleiras de livrarias grandes e pequenas que me deixam corado só de imaginar o conteúdo daquelas páginas.

O caso é que fizeram o brasileiro esquecer que se deve valorizar o que é de dentro. Que, em nosso país, temos Rowlings, Meyers, Kings e uma infinidade de autores com textos que dão de 1000 a zero ou, no mínimo, não deixam nada a dever aos importados. Porém, o mercado nacional só se interessa pelo que é sinônimo de venda. Excetuando-se algumas editoras que dão valor a nossos escritores, a coisa é alarmante. Se está estampado na capa como Best-seller no NY Times, deve ser uma maravilha. Bruna Surfistinha que me perdoe, mas sinceramente, aquilo que vende muito nem sempre é sinônimo de qualidade.

Ademir Pascale: Quais dicas vocês dariam para autores que desejam trabalhar em união num único romance?

Bento de Luca: Sabemos que escrever em parceria um livro como este não é algo tão simples assim. É preciso que haja afinidades de ideias, de estilos literários e da escrita em si. Caso contrário, o livro não ficará homogêneo e poderá demonstrar certa discrepância entre os autores no decorrer do projeto, e esse resultado não seria nada bom! Essa parceria é mais fácil em livros didáticos e acadêmicos, mas não em um romance. Além dos aspectos citados, é fundamental que exista vontade, disponibilidade, flexibilidade e perseverança de ambas as partes. Quando se propõe a

trabalhar em parceria é preciso andar lado a lado, ou então verá o projeto mergulhar em um abismo sem volta. De todo modo, a experiência sempre é muito válida. Afinal, só aprendemos a andar após cair muito!

Ademir Pascale: Quais dicas daria para os escritores em início de carreira?

Kathia Brienza: Em primeiro lugar, acho importantíssimo ler muito e escrever ainda mais. Escrever sempre é a melhor dica. Também acho muito interessante participar de oficinas literárias porque elas ajudam os escritores a exercitar seu ofício e a destravar, além de ser uma ótima oportunidade para conhecer pessoas com os mesmos interesses e objetivos.

Ademir Pascale: Você acha importante a participação em antologias de um autor experiente ou em início de carreira?

Daniel Borba: Acho importante sim. Na minha opinião, as antologias no Brasil substituem as publicações em revistas que vemos em outros países. Nosso mercado não comporta uma publicação com periodicidade regular, mas parece que aceita bem as antologias temáticas. Pelo menos é isso que eu imagino, dada a quantidade delas que tem aparecido por aí. Um autor iniciante pode tirar vantagem desse tipo de publicação, especialmente se conseguir entrar numa antologia que já tem alguns nomes conhecidos. Se a aceitação do livro como um todo for boa, esse iniciante terá uma boa exposição no fandom. Alguns autores experientes talvez não vejam vantagem em publicar em antologias assim, mas é sempre interessante divulgar seu trabalho. Acho que todo autor gosta de ser lido, então por que não publicar? Veja, não estou discutindo aqui a qualidade das antologias. Há muita coisa boa e muita coisa ruim sendo publicada. Cabe aos autores avaliar onde estão se metendo. Se a antologia for boa, é claro que é bom estar nela. Se, por outro lado, o resultado do livro não for dos melhores, muitas vezes um bom conto (e um bom autor) pode ficar obscurecido.

ESTE ARQUIVO PODERÁ SER DISTRIBUÍDO LIVREMENTE, DESDE QUE SEJA CITADA A FONTE

©Ademir Pascale – ademir@cranik.com / amigosdocranik@ig.com.br

www.odesejodelilith.blogspot.com – www.twitter.com/ademirpascale